



## **ALGUNS INDÍCIOS NA FORMAÇÃO DA PROFESSORA-POETA THEREZINHA LUCAS TUSI**

Janine Bochi do Amaral- UFSM

### **Resumo:**

O trabalho que apresento justifica-se entre outros aspectos, pela necessidade de aprofundar os estudos referentes à literatura e a educação, relacionando com a formação de professores. Como problema de pesquisa, delimito: De que maneira a influência da experiência estética da literatura pode contribuir para a formação de Therezinha Lucas Tusi enquanto professora? Teve como objetivo geral investigar, através da História de Vida, a influência da experiência estética da literatura como um dispositivo para a formação da professora. E objetivo específico: pesquisar como a professora Therezinha Lucas Tusi se constituiu professora. Os referenciais teóricos que apresento aqui dizem respeito basicamente ao paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg, como caminho de pesquisa. Partindo de alguns indícios, elaborei um roteiro de entrevista com questões abertas, para conhecer a história de vida da professora, que atuou no município de Santiago-RS (1952-1980). A análise das entrevistas e dos demais materiais foi realizada através de um sistema de interpretação e construção hermenêutica.

**Palavras chave:** Formação de professores, história de vida, paradigma indiciário.

### **Ideias para a pesquisa**

A partir do estudo do Abecedário do filósofo da diferença Gilles Deleuze, eu aprendi que este pensador concebe ideia como criação. Sobre ideias Deleuze nos diz que: não vem de um mesmo lugar, nascem de uma necessidade, são obsessões, são exercícios do pensamento, vem de lugares diferentes, vem da vida, daquilo que experienciamos. Ideias são perceptos (ativam conjunto de percepções e sensações) e afectos (devires, estados que transbordam; que excedem outros estados que nos colocamos); não existindo separadamente afectos e perceptos. A literatura mobiliza isso em mim.

A partir do contato inicial que tive com o pensamento de Deleuze, percebi que teria que trabalhar arduamente a partir de algumas ideias que tinha e que me motivaram para escrever a pesquisa que passo a apresentar a seguir.

Como caminho investigativo para conhecer a história da professora-poeta Therezinha Lucas Tusi, busquei subsídios no paradigma indiciário, de Carlos Ginzburg.

Assim, teorizo sobre o paradigma indiciário como caminho investigativo e trago alguns elementos da formação da professora.

### **Memórias vividas ou por que a literatura**

A pesquisa partiu da pergunta: De que maneira a influência da experiência estética da literatura pode contribuir para a formação de Therezinha Lucas Tusi enquanto professora? Teve como objetivo geral investigar, através da História de Vida, a influência da experiência estética da literatura como um dispositivo para a formação da professora. E objetivo específico: pesquisar como a professora Therezinha Lucas Tusi se constituiu professora.

Destaco que tomo nessa pesquisa o conceito de experiência (*Erfahrung*) daquele trazido pela hermenêutica filosófica, onde expressa uma vivência, pela qual aprendemos. Experiência como encontro, como acontecimento.

Aprendi ainda com Nadja Hermann (2010) e quando me refiro a estética procuro me libertar da tradição do séc. XVIII- como estudo do belo e da arte- e amplio meu conceito para toda a dimensão da sensibilidade e não estritamente à beleza.

A autora acima citada nos diz que “a arte afirma a vida, ressalta aspectos, deforma ou omite traços, em função de uma transfiguração do real. Na experiência estética vivenciamos um acontecimento que se dá no âmbito do sensível e não é concebível no plano cognitivo. Ou seja, a percepção sensível ultrapassa os limites da consciência teórica”. (idem, 40). Nesse mesmo sentido Michel Mafessoli (1995) ensina que estética não se reduz à arte, remete às emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum.

O filósofo Frederick Nietzsche, um dos criadores da estética da existência, dizia que somente como fenômeno estético a existência e o mundo poderiam ser justificados. Segundo Hermann (2010, 42) “a estética da existência em Nietzsche é a criação de si mesmo, um estilo, em que possibilidades da aparência acontecem. Esse caminho significa fazer da própria vida uma obra de arte”.

Pensando na experiência estética e na estética da existência aproximo o conceito de cuidado de si, que será discutido mais adiante, uma vez que cada vida deve ser cuidada como uma obra de arte. E o professor não é um sujeito que está sempre inventando, criando, reinventando, recriando?

Outro conceito que quero explicitar é o conceito de formação. A formação que me refiro nesse texto é a partir da ideia de *Bildung*: uma palavra originária do idealismo alemão, cuja palavra de difícil tradução remete a ideia de formação, no sentido de uma formação sobre

si mesmo. A *Bildung* tem uma dimensão objetiva ( cultura no sentido mais amplo) e uma dimensão subjetiva ( apropriação individual da cultura). Assim, o homem se determina pelas suas ações, através de um caminhar para si mesmo, com vistas à conquista do próprio pensamento (PEREIRA, 2010).

A *Bildung*, se traduzida, seria mais ou menos uma prática da educação de si. Nos achados de Delory-Momberger (2008, 44) encontrei um enunciado que elucida alguma eventua dúvida sobre o conceito: “movimento de formação de si pelo qual o ser, próprio e único, que constitui qualquer homem manifesta suas disposições e participa da realização do humano como valor universal”

O escritor Johann Wolfgang von Goethe traz na sua obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meisters* a ideia de formação na literatura através da *Bildungsroman*. Assim, a *Bildungsroman*, ou romance de formação, surge a partir da ideia de *Bildung*, cuja característica é a escrita das etapas do desenvolvimento do herói do romance. Delory-Momberger nos ensina que

essa construção orientada, que se traduz no romance de formação como um efeito estético (não esqueçamos que se trata de obras literárias, de ficção) e responde a uma intenção didática ( trata-se de instruir o leitor com relação a própria vida), vai se transportar, apesar da curva ideal que desenha, para o modelo de narrativa biográfica que permanece, em grande parte, o nosso ( 2008, 47).

Dessa forma a *Bildungsroman* seria um instrumento, um modelo a partir do qual o leitor interrogaria sobre sua própria vida e sobre sua própria *Bildung* (DELORY-MOMBERGER, 2008).

### **Pistas, indícios, desconfianças: como pesquisei**

A pesquisa indiciária é realizada baseada na investigação do micro: no âmbito do político, do social, do cotidiano. Constitui-se em uma prática interpretativa interdisciplinar, que exige do pesquisador razão e sensibilidade; imaginação e criatividade. Os indícios são fontes que teimam em aparecer, que gritam para que escutemos suas vozes.

Carlo Ginzburg em suas pesquisas mostra que a investigação baseada em indícios, já acontecia nos primeiros grupos humanos, uma vez que os caçadores do período Neolítico costumavam decifrar pistas, rastros, deixados por outros animais como fontes de referências para a caça, por exemplo. Essas experiências que vinham sendo construídas pelos caçadores-

coletores, eram transmitidas através de conversas, sobretudo ao redor do fogo, sendo o fogo algo que não só aquecia, mas aproximava as pessoas e afastava os predadores. Essas atividades propiciaram o desenvolvimento da percepção, intuição, inteligência, aptidões ligadas à sensibilidade e raciocínio.

Nos primórdios, os caçadores sentiam, observavam e transmitiam suas percepções através de representações materiais e da tradição oral. Podemos dizer com isso, que estavam inaugurando as bases da ciência, ao mesmo tempo de um paradigma indiciário, baseado na razão e na sensibilidade.

Segundo achados de Coelho (2006), na Grécia antiga, Hipócrates, considerado o Pai da Medicina, através da observação e consideração dos sintomas das doenças, elaborou um conjunto de métodos para o tratamento das patologias. Essa consideração permitiu um importante desenvolvimento da medicina, uma vez que Hipócrates, através da semiótica médica, balizou uma medicina humanística.

Segundo Coelho (2006, 20) o princípio básico da investigação médica é o mesmo da investigação dos caçadores primitivos, uma vez que propicia revelações na explicação dos fenômenos defrontados.

Mais recentemente, no início do século XVII, Giulio Mancini, um renomado médico italiano, que usava do método indiciário para diagnosticar doenças em sua época, preocupou-se também em distinguir obras de arte originais de cópias. Mancini mostrou que os detalhes fazem a diferença nessa distinção.

O filósofo francês Voltaire, no século XVIII escreveu a novela Zadig ou o destino, onde conta as aventuras de um jovem sábio da Babilônia. Zadig era um sábio que baseava suas investigações nas pistas deixadas através dos detalhes, da observação, dedução e intuição.

Nos séculos XIX e XX nascem os romances policiais, pelas mãos de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie. O que aproxima seus distintos personagens detetives, (Dupin, Homes e Poirot) é o embasamento das investigações criminais através de indícios, dos detalhes, que partem do particular para a totalidade.

Ainda no século XIX, Giovanni Morelli, um médico oftalmologista apreciador de obras de arte, desenvolveu um método de investigação (método morelliano), onde procurava identificar nas obras de arte, aspectos ínfimos, detalhes minuciosos e geralmente negligenciados, que pudessem confirmar a autoria dos quadros.

Os achados de Ginzburg, sobre Sigmund Freud, nos mostram que o psicanalista, conhecedor do método de Morelli, utilizava-se de categorias fundamentais do pensamento

indiciário: buscava pormenores, minúcias, detalhes elementos pouco conhecidos ou refugiados das observações corriqueiras.

Na literatura, Umberto Eco, em 1980, ao escrever o romance *O nome da rosa*, emprega uma grande riqueza de detalhes, pistas, para que seu personagem o frade franciscano Guilherme de Baskerville decifre os fatos obscuros que acontecem na trama. Assim como fez Zadig na obra de Voltaire.

Entrei em contato com o paradigma indiciário através da leitura de Carlo Ginzburg, sugerida pelo professor Marcos Vilela Pereira. O livro *Exercício de Indiciarismo*, organizado por Márcia Barros Ferreira Rodrigues, que traz esclarecedores da autoria de Claudio Marcio Coelho. Eu já havia lido *O queijo e o os vermos*, onde Ginzburg, no prefácio da obra, defende a importância da pesquisa de caso, dos excluídos da história oficial. O autor parte da história de um indivíduo para chegar aos aspectos sociais gerais. Havia realizado também a leitura de *Mitos, emblemas, sinais*, discorre sobre as origens do Paradigma Indiciário.

Coelho (2006) nos mostra que Ginzburg a partir dos anos 70, teve influência, através das proposições teóricas e metodológicas do antropólogo norueguês Fredrik Barth.

Ginzburg e um grupo de historiadores italianos buscavam métodos interpretativos das estruturas que não era visíveis da realidade, considerando que aprendemos (essa realidade) por meio de signos e símbolos. Ginzburg sugere outra forma de pensar e pesquisar a história, uma vez que se propôs a dialogar com as demais ciências humanas e sociais, como a filosofia e antropologia.

Assim como Barth, Ginzburg parte em suas investigações, da análise do microssocial para o macrossocial, mas, que fique claro: reconhecem a importância dos aspectos sociais gerais. O que eles discutem é que os aspectos particulares não podem ser esquecidos, uma vez que os aspectos gerais (e muitas vezes deterministas das teorias macroestruturalistas) não bastam para interpretar as relações sociais. Barth acredita que “o comportamento humano é intencional, por isso precisa ser interpretado a partir de conceitos culturais particulares” (Coelho, 2006, 48).

Barth nos ensina ainda que, em relação aos procedimentos de pesquisa, é necessário que sejam exploratórios de acordo com as especificidades da sociedade estudada, valorizando aspectos internos da ação social.

Ginzburg em seus estudos mostra o quanto o pesquisador precisa ser sensível para perceber indícios que, aparentemente irrelevantes, podem nos levar a outras conexões. Ele acredita que rastreando os inícios, podemos inferir as causas a partir dos efeitos.

O paradigma indiciário chegou a minha pesquisa exatamente no momento em que eu estava tateando no escuro. Eu tinha algumas desconfianças e que, não se confirmariam ou seriam negadas, somente através das entrevistas orais com a professora Therezinha. Eu sentia que era preciso outras ferramentas. A lupa, trazida pelo Paradigma Indiciário, caiu como uma luva.

### **Memórias vividas ou entrelaçando as histórias.**

Para apresentar a professora Therzinha, a protagonista desta história, trago as palavras de Caio Fernando Abreu, pois acredito que ninguém melhor que um escritor consagrado e querido da professora Therezinha (e nosso também) para melhor narrá-la.

#### *Afinidades*

*Claro que sou suspeito para falar (ou escrever) sobre a poesia de Therezinha Lucas Tusi. Suspeitíssimo, até. Afinal, além de conterrânea (embora nascida em Alegrete, ela aquerenciou-se há tempo em Santiago), Therezinha foi minha professora. Naquele tempo, eu não tinha essas intimidades de chamá-la de tu, e levava até certo medo, principalmente na hora da tabuada. Aprendi muito com ela. Mas porque a vida é mesmo esquisita, e a gente nem deve tentar explicar, eis-me aqui apresentando seu primeiro livro. Então, apesar de suspeito, garanto: Afinidades é um belo livro.*

*São trabalhos de muitos anos. Anos pacientes, devotados – imaginem a mulher gaúcha, de interior, que além de mãe e dona-de-casa, é também professora e, como se não bastasse poeta. Em momentos roubados aqui e ali da dita “vida real”, Therezinha foi construindo este livro e, aos pouquinhos, conquistando belezas como Dissonâncias, os poemas dedicados ao mar. São temas simples: pode ser um quero-quero tão comum nos pampas, podem ser as ruas da cidade de Santiago, que tanto amamos, agora centenária, pode ser uma homenagem à voz e ao brilho da cantora Dalva de Oliveira, pode ser um menininho pobre, um agricultor, um festival de música nativa, os filhos. Ou mesmo aquelas nuvens que passam, e que Baudelaire também cantou. Os temas do poeta pouco importam: o que vale é a emoção e a verdade com que pequenas faíscas da percepção de uma realidade maior são colocadas no papel.*

*Este talvez não seja um livro definitivo, nem uma obra-prima. Dificilmente constará das listas dos Best-sellers. Ele tem aquele cheiro de terra limpa, aquela singeleza capaz de fazer torcer o nariz a quem prefere o cheiro de monóxido de carbono ou o emocional poluído*

*das grandes cidades. Mas possui uma qualidade rara: sua delicada simplicidade na maneira de cantar o fato de estar vivo, junto com um olho arguto para localizar as bonitezas invisíveis para a maioria das pessoas. Aí fico me perguntando: isso não é suficiente? E acho que sim.*

**Caio Fernando Abreu.** São Paulo/ agosto, 84  
Prefácio ao livro *Afinidades de Therezinha Lucas Tusi*

Gosto de ler e contar histórias. Aqui trarei muitas lidas, vividas, e inventadas. Essa é uma que após ter lido, costumo contar: certa vez li uma história da Lygia Fagundes Telles, chamada *Verão no Aquário*, onde a escritora dizia que quando morre um velho é como se uma biblioteca se incendiasse. O presente trabalho que (re)conto aqui diz respeito a uma história como essa, ou seja, *Histórias lidas, vividas e inventadas: a formação da professora e poeta Therezinha Lucas Tusi* merece serem contada e celebrada afim de ser preservada.

Por que contar a história da professora Therezinha Lucas Tusi? Primeiramente para narrar a história de uma de uma professora-poeta, hoje com 81 anos de idade, professora-cidadã de uma cidade que é conhecida como a Terra dos Poetas.

Na verdade para trazer a história de uma professora batizada de Therezinha foi preciso revisitar outras tantas, porque um trabalho biográfico é sempre entre o indivíduo e o social, constituindo momentos de aprendizagens e formação. Nas palavras de Delory-Momberger (2008, 27):

Esses espaços-tempos biográficos não são, entretanto, criações espontâneas, nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem.

Busquei a história da professora na sua cidade natal, desde antes do seu nascimento, quando seus pais a conceberam. Depois remexi na sua escolarização, na escolha da sua profissão, no seu casamento, nas memórias de sua docência e de seus alunos mais famosos, no seu amor pelas letras e pela poesia singela dessa tão querida professora. E de repente, a partir de vários indícios, percebo o quanto a história dessa professora tão singular se entrelaça com a minha própria história.

\*\*\*\*\*

No mesmo dia 03 de novembro de 1930, uma segunda-feira, em que Getúlio Vargas é empossado como chefe do governo provisório, pela junta militar que depôs o Presidente Washington Luís, na cidade de Alegrete-RS, dona Lídia Gomes Lucas, casada com seu João

Crisostohomo Lucas, ambos alegretenses, dá a luz a uma menina, batizada de Therezinha de Jesus Lucas.

Ainda nesse dia é instituído, no Brasil, o direito de voto da mulher.

Na história do Brasil, sabemos que o ano de 1930, a conhecida Revolução de 30, que pôs fim à Primeira República, foi, segundo alguns historiadores, o dos movimentos mais importantes da nossa história no século XX.

A partir de 1930, começamos a viver significativas mudanças. O processo de urbanização começa a se acelerar e a burguesia participa cada vez mais na vida política. Assim, através da industrialização, a classe operária entra em crescimento. Getúlio Vargas, nosso então presidente, institui uma política de governo destinada aos trabalhadores urbanos, na tentativa de fisgar o apoio dessa classe que era fundamental para a economia. Em 1930, com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criam-se uma série de leis trabalhistas, muitas delas visando ampliar direitos e garantias do trabalhador, como: lei de férias, regulamentação do trabalho de mulheres e crianças.

A professora Therezinha canta em seus versos a que veio:

### **Dissonância N° 1**

*Eu vim para cantar o mar. No entanto,  
A minha mão fica parada no ar.*

*Se sou poeta, por que não acerto  
Meus versos com o ritmo da orquestra?*

*Dessa orquestra que ruge alucinada?  
Tanta violência é que me faz calar.*

*Nunca vi o mar assim tão agitado!  
Eu, que o queria me escutando manso!*

*Eu vim para cantar o mar. Não canto.  
Ele contrasta com a minha paz.*

*- T.L.T<sup>1</sup> -*

---

<sup>1</sup> Ao final de cada poema, abrevio o nome da professora Therezinha através de suas iniciais: T.L.T.



A professora Therezinha começa seus estudos no Colégio Divino Coração aos 07 anos de idade, onde estuda até a 4ª série. Aos 10 anos de idade, ingressa no Instituto Osvaldo Aranha na cidade de Alegrete.

Foi nesse período escolar, sob a direção da Diretora Maria Amorim, que seus professores, começam perceber e a incentivar as tendências poéticas da professora Therezinha, conforme ela me relata em entrevista.

Conta-me ainda que havia uma biblioteca muito boa na escola e que ela ia muito aquele local. Assim, as colegas reclamavam, pois ai invés de ir para o recreio, ela ia para a biblioteca. Inclusive me confessa que ao invés de ir ao consultório dentário, onde fazia um tratamento, ia para a biblioteca, ler livros.

Os livros tão queridos naquela época eram os romances. Os professores falavam em aula e despertava a curiosidade para a leitura: Machado de Assis, José de Alencar. A professora Therezinha me diz ainda que esse exercício de leitura despertou para os autores de poesia.

A escolha pelo magistério aconteceu porque ela queria ser professora. Ela me conta que sempre quis, e isso tem certeza até hoje. Diz também que em Alegrete, naquela época, era o curso que tinha. Assim, ao terminar o ginásio fazia o magistério.

Sua opção pelo magistério de deu devido a admiração e respeito que sempre teve pelos seus professores, valores ensinados pelos pais e transmitidos a professora Therezinha.

A jovem professora ao se formar no magistério em 1951 opta por realizar o estágio na cidade de Santiago, aos 21 anos de idade, uma vez que em Alegrete não havia escolas suficientes para todos alunos realizarem seus estágios.

Assim, a professora Therezinha, sem ter conhecidos ou parentes na cidade, vem e se hospeda em uma casa de família, fato comum naquela época. Ela conta-me que inclusive naquela época chegaram entre cinco e seis professora recém formadas, de outras cidades. O convívio, na mesma casa, era muito agradável.

Após o estágio, inicia sua vida profissional na Escola Estadual Apolinário Porto Alegre (APA) na cidade de Santiago-RS, em 1952, porque quis continuar nesse lugar a carreira profissional e a vida familiar.

O início da sua carreira começou cheio de recomendações. Formada para trabalhar com a homogeneidade, logo foi advertida sobre a heterogeneidade das turmas que trabalharia.

Sua primeira turma era composta por nove alunos. Muitos estava repetindo de ano, outros com problemas das mais diversas ordens. Ela me relata que foi uma experiência de que

não esquece. Inclusive a diretora salientou que se ela aprovasse dois alunos já poderia se considerar satisfeita. Professora Therezinha aprovou cinco, o que lhe deixou decepcionada.

Lecionou 28 anos na mesma escola, sendo que os últimos 04 anos foram dedicados a biblioteca. Conta-me que a biblioteca era muito simples. Tinha um armário pequeno com pouquíssimos livros. Nesse tempo a professora Therezinha já havia casado e pediu para trabalhar na biblioteca, uma vez que era um desejo seu e que foi percebido pela diretora, através da sua afinidade e interesse pelos livros da professora.

O trabalho na biblioteca foi realizado com muito entusiasmo e carinho. Eram organizados festivais com os alunos, risotos, rifas, para comprar livros e ampliar o acervo da biblioteca, que era muito precário. Ainda eram realizadas peças teatrais, encenadas pela professora Therezinha, como estímulo à arte a leitura, principalmente.

Em relação ao seu trabalho na biblioteca, a professora Therezinha percebe que foi uma grande incentivadora à leitura. Confidencia-me que até hoje encontra pais de alunos, inclusive alguns seus ex-alunos, que dizem que aprenderam o amor pela leitura graças ao seu trabalho.

Na escola havia a hora da leitura, que acontecia na própria sala de aula, com horários marcados, com duração de 50 minutos semanais. Então, ela levava os livros adequados para a idade dos alunos de cada turma. Após o período estipulado, os livros eram recolhidos. A professora Therezinha contou-me que os alunos adoravam aquele momento. Com o passar do tempo, o número de alunos interessados nas leituras foi aumentando, o que proporcionou a organização da biblioteca para os momentos de leitura. Assim, foram organizados fichários e os alunos puderam começar levar os livros para casa. Então a diretora da escola cede mais uma professora para trabalhar junto com a professora Therezinha na organização e manutenção da biblioteca.

Hoje em dia, essa escola está literalmente cercada de poesia, pois seus muros estão cobertos pela escrita de seus mestres e alunos, atuais ou não.

### ***Menino triste***

*Menino triste da primeira classe*

*Que a todas as perguntas tu respondes,  
Por que em teu rosto o riso nunca nasce?  
Que mágoa tão profunda tu me escondes?*

*Menino triste, deixa que eu te ajude!  
Dize, em que a vida te marcou tão cedo?*

*Que mestra sou se até hoje não pude  
Transmitir-te a alegria dos folguedos?*

*Não me basta que aprendas geografia  
Matemática, ciência, anatomia.  
Quero que sintas da vida, a beleza!*

*Quisera dar-te um pouco de alegria.  
E volto para casa todo dia  
Carregando comigo tua tristeza.*

*-T.L.T-*

Esse poema diz muito sobre a professora Therezinha e suas inquietações de mestra, e mostro com suas próprias palavras, quando ela nos diz em uma entrevista a um jornal santiaguense que a sua inspiração para a poesia vem “de minha vivência com meus semelhantes, sentimentos comuns a todo ser humano: alegrias, tristezas, saudade, amor. As desigualdades sociais também me inspiram, não uma poesia dura, radical, mas uma poesia humanística, subentendendo uma possibilidade de solução”.

***Minha culpa***

*Maria.*

*Olhos límpidos, curiosos,  
avidamente abertos para a cartilha  
do mundo,  
perguntas no olhar  
querendo aprender.*

*Tão jovem, tão simples  
nada sabia de fronteiras.  
Mas queria transpor aquela,  
das letras enfileiradas  
nos jornais.*

*Ontem encontrei Maria.*

*Olhos sombrios, parados,  
desmesuradamente abertos de espanto  
sem rumo, sem paz,  
querendo esquecer.*

*E fui eu quem ensinou Maria a ler!  
-T.L.T.-*

O curioso é que no dia da entrevista em que perguntei sobre o poema alusivo a Maria, a professora Therezinha me confidencia que encontrou Maria em frente ao Banrisul. Contou-me ainda que não lembra se o nome de sua antiga aluna é Maria, mas que a batizou em sua poesia assim.

Em 1958, a professora Therezinha casa-se com Osvaldo Tusi, alterando seu nome para Therezinha Lucas Tusi. A importância da família para a professora Therezinha é demonstrada também nesse poema:

*Arquitetura a dois  
Tínhamos todo o espaço do universo.  
E nele arquitetamos nosso sonho  
feito de amor,  
o material mais nobre.  
Nos machucamos e nos deliciamos  
buscando a essência  
dessa humana arte.  
E lapidamos todas as arestas  
e levantamos todos os pilares.  
Não esquecemos  
o menor detalhe.  
No alto, uma abertura com vitrô.  
Há que entrar luz na morada do amor.  
-T.L.T.-*

Para completar sua família, tem quatro filhos. Dois dos seus filhos: Marcelo e Leandro são artistas-arquitetos. Seu filho Daniel é advogado. E sua filha Berenice trabalha com moda,

bem como suas telas de pintura a óleo decoram a casa da professora Therezinha. Assim, cada um, a sua maneira, herdou o gosto e o talento para a arte.

### ***Migração***

*(aos meus filhos)*

*Fim de verão.*

*Vai, andorinha inquieta! Alça teu vôo migratório para outras paragens. Se o calor das minhas asas já não te aquece, se o azul do céu já não é tão claro para tua curiosidade, se anseias por um vôo mais alto e arrojado, eu não te condeno. Um dia também me senti assim.*

*Mas escuta, andorinha. Só uma coisa te peço: nas tuas revoadas por este mundo, não deixa de fazer escala aqui, no aeroporto do meu peito. Tão magoado e dolorido pelas tuas decolagens, mas sempre aberto para tua aterrissagem.*

*Estarei a tua espera. Seja inverno ou verão. Outono ou primavera. Sou uma andorinha-mãe e preciso ficar, para conservar a maciez e a tepidez do ninho.*

*Com todo meu o meu amor. Com todas as minhas penas.*

*-T.L.T.-*

Outros poemas foram escritos em homenagem a seus filhos:

### **Carta-poema**

*À Berenice*

*Reinam em teu quarto ordem e harmonia:*

*Colcha sem dobras. Tudo no lugar.*

*O assoalho tem o brilho que eu queria.*

*Mas dize, filha, quando vais voltar?*

*Há uma nota de melancolia,*

*Em vez de músicas e risos, no ar.*

*Na penteadeira tua bonequinha*

*Parece até por ti perguntar.*

*Não prolongues demais o teu passeio.*

*A paz e a calma que eram meus anseios*

*Já não conseguem, filha, me alegrar.*

*Teu toca-discos, mudo, põe-me aflita!  
 Minha consciência no silêncio grita:  
 Será que eu fiz da nossa casa um lar?*

**Ao Lenadro**

*Quando dormes, que doçura  
 Velar teu sono, filhinho!  
 Mas de manhã, que tortura!  
 Acordas com os passarinhos.*

*Então sorris... E eu esqueço  
 Que tenho sono, tesouro!  
 Meu cordeirinho travesso,  
 Meu lindo filho louro.*

*Quando na face corada  
 Uma lágrima te rola,  
 Minha florzinha orvalhada  
 Mamãezinha te consola.*

*E se te abraço, filhinho,  
 Que grandiosa sensação!  
 De ter o mundo inteirinho  
 Junto do meus coração!  
 -T.L.T.-*

**À Berenice**

*Sonhei que era pintora e que pintava  
 Um prado verdejante. E, no painel,  
 Todo o esplendor das cores captava  
 Como se mestra fosse do pincel.*

*De repente, filhinha, tu chegavas*

*Cavalgando belíssimo corcel.  
E a beleza do quadro completavas  
Com teus cabelos longos, cor de mel.*

*Mas fato estranho, se bem que era sonho:  
Pus-me a pintar teu rostinho risonho  
Esquecendo a paisagem encantadora.*

*Que linda a realidade do meu sonho!  
Se pinto quadros, se versos componho  
Sou mãe, mais que poeta e que pintora.  
-T.L.T.-*

E seu genro também recebe poema:

***Para Zeca Tamiosso***  
*Inteligente, iluminado  
Respeitoso, empreendedor.  
É o filho  
Que toda mãe quer.*

*Abre um sorriso  
Quando lhe digo  
Que ele é meu genro preferido.  
(Marido da minha única filha mulher).  
-T.L.T.-*

A professora Therezinha tem nove netos. As homenagens a eles seguem:

***Acróstico***  
*Para Leonardo e Carolina  
Não és Da Vinci. Só pintas o sete.  
E muita ternura no meu coração,  
tela aberta ao pincel da emoção.*

*Os teus olhos, Carolina, que lindos!*

*São da cor da vida: indefinida.*

*-T.L.T.-*

**Ângelo**

*meu netinho*

*Caçamba mágica*

*me alçando*

*do fundo do poço*

*com teu riso doce.*

*Enxugo as mágoas*

*e sobrevivo*

*no teu convívio*

*angelical.*

*-T.L.T.-*

No ano de 1977, três anos antes de se aposentar, conclui o curso de Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santiago - FAFIS.

Em agosto de 1984, já professora aposentada, realiza o lançamento do seu primeiro livro de poesias: *Afinidades*, na Escola Estadual Apolinário Porto Alegre, em Santiago, onde lecionou durante sua carreira. Seu primeiro livro é prefaciado pelo seu ex-aluno Caio Fernando Abreu. A temática de sua escrita versa sobre emoções, o humano e o meio em que vive e o cotidiano.

**Enfim, o amor**

*Sobrevivi à sede e ao cansaço.*

*Depois de tanto sol, tanto mormaço,*

*Bebo “do amor as águas imortais”.*

*Vivo alegrias nunca conhecidas.*

*E a tristeza interior jamais sentida*

*Nem mesmo nos desertos areiais.*

*Vivo do amor as delícias e ao ais.*



-T.L.T.-

Em 1990 fica viúva, após seu esposo sofrer uma parada cardíaca. Muitos poemas são feitos ao seu amor, agora *in memoriam*.

### **Prelúdio**

*Falas tanto em morrer  
que eu me antevejo  
já no desfecho dessa dor maior.  
Pobre instrumento nas mãos do destino,  
as notas de minh'alma desafinam  
neste triste prelúdio em dor menor.*

-T.L.T.\_

### **Hai-Kai**

*Nos céus de minh'alma  
uma estrela cadente  
meu amor ausente.*

-T.L.T.-

### **Rastros**

*O rastro da lágrima.  
Passa-se a mão, logo sai.  
E o sulco na alma? Ai...*

-T.L.T.-

### **Perda**

*Teu beijo de até logo  
Ainda sinto nos lábios meus.  
E nem sequer pressentimos  
Que aquele era o derradeiro,  
Que era o beijo do adeus.*

-T.L.T.-

**Procura-se**

*um coração foragido.  
 Está ferido e sangra.  
 Seu maior delito:  
 não ter dito a mim,  
 sua dona,  
 como fazer para ser só,  
 depois de sermos nós.  
 -T.L.T.-*

**Ausência**

*Verão. Fim de tarde.  
 Vermelho, o sol arde.  
 E em mim, a saudade.  
 -T.L.T.-*

**Insone**

*Sonada  
 pela dor da tua ausência  
 sou nada.  
 -T.L.T.-*

E a inspiração para sua poesia, mais uma vez é o mar.

**Porto Inseguro**

*(para José- in memoriam)*

*Teu olhar perdido  
 Barco rumo ao infinito  
 Partindo sem mim.  
 -T.L.T.-*

Durante sua carreira de professora recebeu diversos diplomas e homenagens por seu envolvimento e dedicação com a educação. Mas as homenagens não se encerram: por suas poesias também recebe outras tantas, como o título de patrona da Feira Municipal do Livro de

Santiago em 2006. E em 2008 recebe o título de cidadã santiaguense das mãos do vereador Nelson Abreu, criador do projeto que intitulou Santiago como Terra dos Poetas. Nesse poema, canta Santiago em versos:

### **Afago**

*Centenária cidade, centenária:  
Seiva viva de raças estrangeiras  
Mesclada ao sangue da raça pampeira.*

*Tuas ruas tortas, todos falam delas,  
Mas para tua gente é um desafio.  
Ninguém tem medo de se perder nelas.  
Caminham certo, com altivez e brio.*

*Centenária cidade missioneira  
Dos cereiais de múltiplas matizes,  
De profundas místicas raízes.*

*Na praça, Santa e lua compactuam  
Fazendo luz e sombra ao romantismo.  
Mesmo que a velha Catedral destruam  
Conservarás a fé e o misticismo.*

*Centenária Santiago hospitaleira,  
Abre teu coração, sente este afago  
Que em forma de poesia hoje te trago:*

*É a alma do teu povo que te canta.  
Ama, trabalha e vive com alegria.  
Sou apenas alguém que assim se encanta  
De fazer parte dessa sinfonia.*

*-T.L.T.-*

A poesia sempre encantou a professora Therezinha. Ela conta que fez seus primeiros versos aos doze anos, incentivada por sua mãe e pelos excelentes professores dos colégios onde fez o Ginásio e o Magistério.

A professora Therezinha costuma dizer que é influenciada pelos escritores Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Fernando Pessoa, Mario Quintana, Gabriela Mistral. Também Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, os Veríssimo, Ricardo Silvestrin, Luís Augusto Fischer, Sérgio Faraco, Moacyr Scliar e tantos outros.

Para aqueles que estão iniciando na escrita, ela diria o que ouviu muitas vezes: “é preciso reforçar os conhecimentos em português e literatura, gramática, retórica, leitura dos clássicos, muita leitura e escrever sempre que a inspiração lhe tocar a alma. O mundo está cada vez mais violento. A função da arte é tornar o mundo mais belo”.

Em 2001 Therezinha lança seu segundo livro de poesias: *Passional*.

A obra mais recente da professora Therezinha foi lançada através de um projeto intitulado *Santiago do Boqueirão, seus poetas quem são*. É o sexto volume de uma coleção composta pela escrita de diversos escritores santiaguenses.

Através da invenção no projeto *Santiago do Boqueirão, seus poetas quem são*, é possível encontrar em uma padaria na cidade de Santiago-RS uma peculiaridade gastronômica da professora Therezinha: uma delícia que leva sua assinatura: Mil folhas Therezinha Tusi.

Esse foi apenas um aperitivo da história da professora Therezinha. Esses foram alguns dos indícios que me trouxeram até aqui, e que são as pistas que persigo, pois mostra o quanto a professora Therezinha é especial.

### **Algumas aprendizagens**

Através da realização dessa pesquisa, aprendi muitas coisas sobre a formação docente, em especial em relação a uma formação tão singular e especial.

Hoje a professora que hoje está com 81 anos de idade, continua recebendo homenagens pelo seu trabalho como professora e poeta. Sua história mereceu ser conhecida uma vez que a professora dedicou-se intensamente ao magistério e a poesia.

No decorrer da pesquisa, percebi aquilo que Gilles Ferry (2004) dizia em seus escritos: a formação é diferente de ensino e aprendizagem, ou seja, a formação é uma dinâmica, entendida como o desenvolvimento pessoal, uma vez que a formação consiste em encontrar formas para cumprir certas tarefas para exercer um ofício, uma profissão, um trabalho. Em

outras palavras, formação não se recebe. Formamo-nos através de uma dinâmica do desenvolvimento pessoal, mas nem por isso podemos pensar que nos formamos sozinhos, nem passivamente. Existem várias mediações que possibilitam, orientam o desenvolvimento de formar-se, as quais o autor, acima citado, destaca: pela relação com outras pessoas, através de leituras, circunstâncias, acidentes de vida.

A formação da professora Therezinha Lucas Tusi me ensinou tudo isso. Formada no magistério nos anos 1950, não estava preparada para atuar em uma sala de aula com alunos reais, que possuíam dificuldades de aprendizagem e comportamento. A partir do seu gosto pela literatura e sensibilidade, levou aos seus educandos, que estavam sendo alfabetizados, algo que fez a diferença.

No decorrer dos anos, através de seu trabalho em sala de aula ou na biblioteca da escola, foi desenvolvendo o seu modo de ser professora, através de uma dinâmica própria que foi construindo, singular aos métodos de ensino dos anos 50-80. Constituindo assim aquilo que Foucault define como dispositivo: uma máquina abstrata, quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar, e que atuam como flechas, penetrando incessantemente nas coisas e palavras (Deleuze, 1990). Dispositivos têm ainda regimes de luz próprios: permite ver sem ser visto. Distribui o visível e o invisível, faz nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela.

E retomando o conceito de dispositivo em Deleuze (1990, 159): “todo dispositivo se define por seu teor de novidade e criatividade, o qual marca ao mesmo tempo sua capacidade de transforma-se ou de fissurar-se e em proveito de um dispositivo futuro (...) Pertencemos a certos dispositivos e operamos neles”.

Talvez essa pesquisa tenha mostrado um pouco o quanto a literatura pode ser um dispositivo: ela é capaz de mobilizar o pensamento, naquele que lê e faz relações com a vida, no sentido de pensar-se como sujeito que se constitui historicamente como experiência.

Escrever sobre uma professora-poeta tão especial quanto a professora Therezinha foi para mim um imenso desafio. Para pesquisar uma vida sempre é necessário muito cuidado, muito carinho e muito respeito. Pesquisar a história de uma professora que está viva é mais desafiador ainda. Espero ter podido contar um pouco dessa história e permitir que outras sejam escritas a partir dessa.

Concluimos que aprendemos através das experiências vividas pela professora outras formas de ensinar, diferente das que estão instituídas, onde é possível haver um diálogo permanente entre formação e literatura.

## Referências

- COELHO, Claudio Marcio. Raízes do paradigma indiciário. In: RODRIGUES, Marcia Barros Ferreira (org). **Exercícios de indiciário**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERRY, Gilles. **Pedagogia de la formación**. 1ª Ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.
- HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Unijuí, 2010.
- PEREIRA, Marcos. As novelas de formação e a formação do pensamento: uma alternativa para o currículo. In Carlinda Leite; António Flávio Moreira; José Augusto Pacheco; José Carlos Morgado; Ana Mouraz (Coords.). **Debater o Currículo e seus campos**. *Actas do IX Colóquio sobre Questões Curriculares / V Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares*. Eixo 6: Currículo e Criatividade. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas e Instituto de Educação – Universidade do Minho, Setembro 2010, p.2668-2676.